

PESQUISAS SOBRE DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: ESTADO DA ARTE

Nilson Sousa Cirqueira

Mestre em Educação (PPGED-UESB)
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
nilsonmestradoesb@outlook.com

José Valdir Jesus de Santana

Doutor em Antropologia Social (UFSCar)
Programa de Pós-Graduação em Ensino (UESB)
santanavaldao@yahoo.com.br

Reginaldo Santos Pereira

Doutor em Educação (UFSCar)
Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-UESB)
reginaldousesb@gmail.com

RESUMO: Esse trabalho teve como foco de análise recuperar as principais pesquisas realizadas no cenário nacional acerca da docência masculina na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental I. Para tanto foi feito um levantamento no âmbito da ANPED nos Grupos de Trabalho (GTs) 07 (Educação de crianças de 0 a 6 anos), GT 08 (Formação de professores), GT 13 (Educação fundamental) e GT 23 (Gênero, sexualidade e educação). O período de busca e seleção dos trabalhos abarcou pesquisas de 2004 estendendo-se até o segundo semestre de 2017. Esse recorte temporal se justifica pela criação do GT 23 (Gênero, sexualidade e educação), ocorrida na 26ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Poços de Caldas. Após as análises, constatou-se que todos os trabalhos tinham o “gênero” como categoria principal das pesquisas. Um trabalho utilizou o “estado da arte” como metodologia adotada e três como abordagem qualitativa. Todas as quatro pesquisas analisadas apresentam pontos relevantes que merecem atenção para a produção de futuros trabalhos na área.

Palavras-chave: Docência Masculina. Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Gênero.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho teve como objetivo recuperar as principais pesquisas realizadas no cenário nacional acerca da docência masculina na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental I. Partindo do pressuposto de que a Pedagogia tem sido constituída como um espaço feminino e em sua minoria de homens, e que isso acaba refletindo na atuação desses profissionais nos anos iniciais da educação básica, achamos interessante analisar o que tem

sido produzido no cenário nacional acerca da docência masculina e o que eles têm sofrido ao adentarem num ambiente predominantemente feminino.

Para subsidiar as discussões sobre o tema proposto, o presente trabalho utilizou como literatura os estudos de Almeida (1998, 2014), Saporoli (1997), Louro (2011). É sabido que hoje, no Brasil, a docência na Educação Infantil e Ensino Fundamental I é exercida predominantemente por mulheres, e essa característica não se apresenta somente em nosso país, como demonstra Monteiro (2014), mas em outros contextos, a exemplo da Alemanha, Estados Unidos e Israel. Isso tem relação ao fenômeno conhecido como feminização do magistério ocorrido em meados dos séculos XIX e início do século XX e se mostra bastante controverso, pois, sabemos que por muito tempo esse ambiente era frequentado principalmente por homens, em especial, na sociedade brasileira por religiosos, os jesuítas,

Modelos de virtudes, disciplinados, disciplinadores, guias espirituais, conhecedores das matérias e das técnicas de ensino, esses primeiros mestres devem viver à docência como um sacerdócio, como uma missão que exige doação. Afeição e autoridade, bom senso, firmeza e bondade, piedade e saber profissional são algumas das qualidades que lhes são exigidas (LOURO, 2011, p. 97).

Segundo Louro (2011) após este período em que a educação foi dominada pela religião, os homens permaneceram no magistério, sendo responsáveis pelas aulas régias. No entanto, por causa de algumas mudanças sociais que ocorreram ao longo da segunda metade do século XIX no país, como o discurso oficial que enfatizava a importância da educação para a modernização do país, com intuito de afastar de vez a imagem de um “Brasil atrasado” e inculto, vai ser permitido,

[...] Não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco, o seu predomínio como docentes. As formas como se dá essa feminização podem ter algumas características particulares, ainda que se assemelhem a processos que ocorreram também em outros países. De qualquer modo, parece ingênuo nos decretos ou nas leis da iniciante “nação independente” as razões deste movimento. Talvez mais adequado seria entender que, naquele momento, um processo de urbanização estava em curso, no interior do qual — além da presença de outros grupos sociais, como os imigrantes, de outras expectativas e práticas educativas e de outras oportunidades de trabalho — um novo estatuto de escola se instituiu (LOURO, 2011, p. 99).

Enfatizando o argumento de Louro, Almeida (1998) vai afirmar que o processo de feminização do magistério no Brasil aconteceu num período onde o campo educacional

brasileiro crescia de forma quantitativa. Dessa forma, a mão-de-obra feminina na educação mostrou-se indispensável e, uma das razões dessa presença feminina na educação foi “o repúdio à coeducação liderado pela Igreja Católica e a necessidade de professoras para reger classes femininas, o que possibilitaram a abertura de um espaço profissional para as mulheres no ensino” (ALMEIDA, 1998, p. 65).

Ainda para a autora, o exercício do magistério comandado pelas mulheres representava uma continuidade das funções maternas, “instruir e educar crianças era considerado não somente aceitável para as mulheres, como era também a profissão ideal em vista destas possuírem moral ilibada, sendo pacientes, bondosas e indulgentes para lidar com os alunos” (ALMEIDA, 2014, p. 77). Importante ressaltar que naquela época a escola era vista pela sociedade como sendo uma extensão do lar, que tinha como principal objetivo domesticar, cuidar, amparar, amar e educar e que ainda se constitui atualmente.

Essa forma de pensar a escola teve seu prolongamento nos anos seguintes e, “justamente com as aspirações de unidade política e a proliferação de um discurso alvissareiro sobre a educação, colocou nas mãos femininas a responsabilidade de guiar a infância e moralizar os costumes” (ALMEIDA, 2014, p. 57). Assim, “o magistério se tornará, neste contexto, uma atividade *permitida* e, após muitas polêmicas, *indicada* para mulheres” (LOURO, 2011, p. 99). Considerando o raciocínio exposto por Louro (2011), Almeida irá esclarecer que a inserção das mulheres no magistério não foi aceita pacificamente por parte dos segmentos masculinos, isso,

[...] Porque significava a perda de um espaço profissional. Pensar que o processo de feminização do magistério foi resolvido pacificamente e instalou-se como uma concessão feita às mulheres revela-se um equívoco por adotar uma visão que considera um aspecto apenas parcial do fenômeno. Ao não apreender as complexidades sociais das quais esse processo foi portador e ignorar que isso fez que houvesse uma transformação da profissão ao longo dos tempos, qualquer análise sobre a educação escolarizada que aborde a questão profissional e da prática docente corre sérios riscos de partir de bases pouco consistentes (ALMEIDA, 1998, p. 64).

Vale lembrar que a maciça presença das mulheres no magistério não acabou necessariamente com o espaço profissional dos homens nesse ambiente, eles continuaram ali, o que ocorreu foi “a transição deles para outras opções na estrutura hierárquica escolar, ocupando cargos administrativos” (ALMEIDA, 2014, p. 57). Mas, a função de ensinar agora passa a ser exclusivamente das mulheres, por isso, pensar no magistério atualmente sem

pensar no feminino é praticamente inviável. No entanto, isso não exige a parcela masculina do compromisso com a educação escolar,

[...] Afinal, a escola é o local onde interagem a diversidade e o pluralismo, e nessa interação as diferenças e as atuações derivadas dos dois sexos nivelam-se em ordem de importância. Portanto, a contribuição masculina é altamente indispensável, e a figura do homem espelhando valores, caráter e respeito também servirá de exemplo para futuras gerações de brasileiros. Torna-se, pois, crucial repensarmos a importância da atuação conjunta de homens e mulheres no ambiente escolar (ALMEIDA, 2014, p. 99).

Diante dessas breves considerações acerca da feminização do magistério, apresentamos a seguir uma discussão sobre as principais pesquisas produzidas sobre a temática: docência masculina na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental I atentando para as possíveis lacunas e campos inexplorados abertos a pesquisas futuras.

Pesquisas que abordam a presença de homens na docência na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental I no âmbito da ANPED

Em pesquisas de buscas realizadas na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED¹) — especificamente nos Grupos de Trabalho (GTs) 07 (sete) (Educação de crianças de 0 a 6 anos), GT 08 (oito) (Formação de professores), GT 13 (treze) (Educação fundamental) e GT 23 (vinte e três) (Gênero, sexualidade e educação) selecionou-se alguns artigos que tratam da temática em destaque sobre os quais discorreremos a seguir. A escolha dos trabalhos selecionados teve como base o motivo de abordarem acerca da presença de homens na condição de professores de crianças tanto na Educação Infantil quanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O período de busca e seleção dos trabalhos que convergem com a temática ocorreu a partir de 2004 se estendendo até o segundo semestre de 2017. Esse recorte temporal se justifica por causa da criação do GT 23 (Gênero, sexualidade e educação), ocorrida na 26^a

¹ É uma entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós- graduação *stricto sensu* em educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área. Ela tem por finalidade o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura, dentro dos princípios da participação democrática, da liberdade e da justiça social. Dentre seus objetivos destacam-se: fortalecer e promover o desenvolvimento do ensino de pós-graduação e da pesquisa em educação, procurando contribuir para a sua consolidação e aperfeiçoamento, além do estímulo a experiências novas na área; incentivar a pesquisa educacional e os temas a ela relacionados; promover a participação das comunidades acadêmicas e científica na formação e desenvolvimento da política educacional do País, especialmente no tocante à pós- graduação (ANPED, 2017).

Reunião Anual da ANPED, realizada em Poços de Caldas, um grupo de pesquisadores e pesquisadoras, docentes e estudantes se mobilizaram para propor à Associação a criação de um Grupo de Estudos que se voltasse para as temáticas de gênero e sexualidade articulando-se com o campo da educação.

Depois de um expressivo apoio dos integrantes da ANPED o GE foi formado, assim, os vários grupos ligados aos estudos de gênero, sexualidade e educação existentes nas instituições de Ensino Superior e nos programas de Pós-Graduação do país passavam a ter o GT 23 como um ponto de referência. Aqueles (as) pesquisadores (as) e estudantes que dispersamente desenvolviam suas investigações voltadas nessas temáticas eram incentivados, agora, a buscar na ANPED parceiros (as) para o diálogo e debate teórico. Assim, passamos a ter na ANPED um Grupo de Trabalho que bianualmente recebe de todas as partes do país uma variedade de pesquisas que são apresentadas nas Reuniões e arquivadas para posteriores consultas dos pesquisadores.

Quadro 01 – Trabalhos produzidos na ANPED - Período (2004 – 2017)

Autoria	Título	Local e ano de publicação	Ano	Tipo de publicação	Palavras-chave
Frederico Assis Cardoso	Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças	30ª Reunião da ANPED GT.23	2004	Artigo	Gênero, Professor Iniciante, Formação de Professores
Mariana Kubilius Monteiro; Helena Altmann	Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil	36ª Reunião da ANPED GT.23	2013	Artigo	—
José Edilmar de Sousa	Refletindo sobre gênero, trabalho e formação docente: um olhar para o pedagogo do gênero masculino iniciante	37ª Reunião da ANPED GT. 07	2015	Artigo	—

	na educação infantil				
Shirleide Pereira da Silva Cruz; Fernando Santos Sousa	Refletindo sobre gênero, trabalho e formação docente: Um olhar para o pedagogo do gênero masculino iniciante na educação infantil	38ª Reunião da ANPED GT.08	2017	Artigo	—

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador (2018)

Para darmos início às discussões das pesquisas encontradas sobre o tema docência masculina na Educação Infantil nos GTs da ANPED referenciados acima, tomamos como referência a pesquisa de Saporoli (1997), posto que se trata do primeiro trabalho que se tem evidências aqui no país sobre a presença masculina na Educação Infantil, na qual a autora fez um levantamento sobre a quantidade de docentes homens lecionando no ensino infantil no município de São Paulo- SP. Tendo como base as respostas dos sujeitos entrevistados, Saporoli (1997) conseguiu perceber que não existe tanta diferença em relação ao trabalho ministrado por mulheres e homens no trato de crianças pequenas no município paulista.

Segundo a autora, o principal problema perpassa pelo grau de aceitação ou não, de homens como educadores e, mais ainda, como são estruturadas as propostas pedagógicas de cada instituição de ensino; quanto mais doméstica for a concepção de educação, mais ela será associada ao feminino e tornando assim mais difícil a aceitação de professores nesses ambientes. Entretanto, como mostra a pesquisa, quanto mais profissionais são as propostas das instituições, articuladas em um projeto pedagógico bem elaborado, menos feminizada será a ocupação e, maior a presença de homens lecionando nesses espaços.

O artigo de Frederico Assis Cardoso (2004) *Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças* (GT 23 – ANPED) é o resultado de uma pesquisa de mestrado realizada no município de Belo Horizonte (MG) que buscou investigar o processo de formação e reconstrução da identidade de professores homens que trabalhavam na docência com crianças. Seu foco foram profissionais homens que atuavam no Ensino Fundamental I com crianças de seis a oito anos de idade da rede municipal de ensino do município. Foram pesquisados nove professores, tanto os que estavam em sala de aula quanto os que estavam ocupando outras funções (administrativas, gerenciais ou pedagógicas).

Utilizou-se para coleta de dados entrevistas, questionários, observações e registros de campo. Para tal pesquisa o professor tomou como referência conceitos próprios do campo dos estudos culturais, tais como identidade, diferença, representação e práticas de significação dos estudos culturais.

O autor procurou responder algumas questões sobre esses profissionais, quem eles eram, como construíram e reconstruíram suas identidades masculinas atuando em um espaço dominado pela presença feminina, em que ponto a masculinidade atribui sentidos no seu exercício profissional, tudo isso, com base nas relações de gênero vivenciadas no dia a dia das escolas. Nos resultados da pesquisa foram constatados que mesmo esses profissionais atuando em um ambiente socialmente visto como feminino, eles não identificavam o magistério como profissão feminina, “embora discursos tenham sido criados para associar o magistério às mulheres, como uma tarefa que exige dedicação, docilidade, cuidado e paciência” (CARDOSO, 2004, p. 15).

Cabe salientar que, mesmo esses profissionais não enxergando a docência com crianças pequenas uma função feminina, segundo Cardoso, em alguns momentos, durante o trabalho, percebe-se uma contradição nos discursos dos professores, como em certos posicionamentos deles compararem seus desempenhos com o desempenho das mulheres em situações semelhantes, de usarem termos como vocação, mãe, esposa, maternagem para explicarem algumas ações das professoras nas escolas.

Diante disso, podemos inferir que essas situações por parte dos docentes é mais uma estratégia de resistência, de não reconhecerem que estão em um espaço hegemonicamente feminino. Isso devido à concepção/representação de masculinidade hegemônica (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013) produzida socialmente que orienta as concepções acerca do magistério e os lugares que professores devem ocupar.

Também foi evidenciado que o trânsito pela carreira docente é uma marca da identidade masculina, os professores fogem da alfabetização, preferem assumir cargos de gestão, coordenação e outras funções administrativas, ofícios notadamente demarcados como sendo masculinos. O professor encerra dizendo “que a construção da identidade dos professores pesquisados é marcada pela presença (ou pela ausência) dos homens no magistério” (CARDOSO, 2004, p. 15).

A pesquisa de Monteiro e Altmann (2013) *Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil* (GT 23 - 36^a ANPED) é resultado de uma pesquisa de mestrado realizada em um município de médio porte no estado de São Paulo. Ambas buscaram

demonstrar as trajetórias de vida e profissional de homens que exerciam a profissão docente na Educação Infantil no referido município, analisando os aspectos como o contexto da escolha da profissão, as trajetórias de formação, os percursos profissionais desses sujeitos, além de mostrar as relações de gênero que perpassam as trajetórias dos referidos professores.

Para conhecer os percursos desses profissionais até chegarem à docência, foram realizadas 07 (sete) entrevistas com cada um dos professores pesquisados, além de coleta de dados junto à Secretaria de Educação do município. Por meio dos dados coletados à Secretaria de Educação os autores constataram que,

Dos 1016 professores de Educação Infantil efetivos na rede municipal, 99,31% são mulheres e 0,69% são homens, uma porcentagem menor que a média nacional de homens atuando na Educação Infantil, que conta com 98% e 96% de mulheres atuando em creches e pré-escolas, respectivamente [...] (MONTEIRO; ALTMANN, 2013, p. 08).

Percebe-se que o número de homens atuando na Educação do município é ínfimo, se considerarmos o percentual de mulheres atuando nesse nível de ensino. Outras pesquisas também mostram que há uma grande defasagem de homens na educação principalmente no Ensino infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa de Pena (2015) mostra que de acordo o Censo Escolar de 2011 (INEP, 2012), os professores do Brasil,

Somam 395.228 em todos os ciclos da Educação Básica, o que corresponde a 19,32% em um universo de mais de 2,045 milhões de profissionais, enquanto as professoras são a esmagadora maioria de mais de 1,65 milhão. **A maior disparidade da presença masculina na escola é percebida na Educação Infantil. Somente 2,9% dos docentes que trabalham nessa etapa de ensino são do sexo masculino.** Ou seja, somam 11.897 de um total de 408.739 docentes. **Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, eles são 69.606, o que representa 9,6% do quadro de 724.541 docentes.** Nos anos finais, os homens são 222.421, ou 28% de 793.889 (PENA, 2015, p. 120. Grifo nosso).

O que se pode verificar é que existe uma enorme discrepância em relação aos homens e mulheres atuando na Educação Infantil, mas mesmo assim ainda existe a presença masculina nesse nível de ensino. Mas, o que leva esses profissionais a optarem a seguir essa carreira? Monteiro e Altmann (2013) nos respondem. Ao ouvir as narrativas dos sujeitos pesquisados elas averiguaram que são diversos elementos que influenciaram no momento da escolha da profissão: a influência de familiares e de profissionais como professoras, uma

experiência positiva durante a escolarização, a intenção de ocupar cargos na gestão escolar, a reestruturação ou forma de ascensão na carreira e oportunidade de emprego.

Durante o trabalho as autoras perceberam que a atuação e o convívio dos professores com a comunidade escolar em muitos momentos tornava-se desconfortável, a entrada deles e sua permanência na profissão foram marcadas tanto por desafios inerentes à profissão, quanto por dificuldades decorrentes de uma noção hegemônica de masculinidade, levando a questionamentos acerca de suas presenças na Educação Infantil, à escolha da profissão, aos procedimentos adotados em momentos de cuidado e higienização e, principalmente à orientação sexual.

Foram percebidas tentativas de segregação entre professores e crianças, providas na forma de encaminhamentos de turmas mais velhas aos professores, mudanças de crianças para outras turmas ou abaixo-assinados para retirada desses profissionais da instituição. “O período inicial da docência na Educação Infantil, dessa forma, se mostra como o momento no qual as relações de gênero, ocorrendo de maneira desigual, são evidenciadas e se tornam um problema a ser superado na carreira dos sujeitos” (MONTEIRO; ALTMANN, 2013, p. 14).

Outro estudo, oriundo de uma pesquisa de mestrado, é o de José Edilmar de Souza, intitulado *Homem, docência com crianças pequenas: o olhar das crianças de um Centro de Educação Infantil* (GT 07 - 37^a ANPED) e tendo a pretensão de compreender o ingresso e a trajetória de homens como professores a partir da visão de professores e professoras, gestores, familiares e, o que deixa o trabalho do autor mais significativo e interessante, foi a inserção de crianças como sendo não objetos de estudos, mas como sujeitos integrantes da pesquisa.

O trabalho é de cunho qualitativo e foi realizado em um Centro de Educação Infantil em uma Escola de Ensino Fundamental com turmas de pré-escolas situadas num município da região metropolitana de Fortaleza. A coleta de dados se deu por meio da observação sistemática durante três meses, além de entrevistas semiestruturadas. Durante o trabalho Souza (2015) discorre sobre a escassez de homens trabalhando com crianças, o que não é novidade, seja no ambiente escolar ou em produções acadêmicas da área. Sobre isso ele argumenta que foi um dos principais motivos que o levou a realizar esse trabalho.

A parte mais relevante de sua pesquisa são os resultados advindos das opiniões das crianças frente a presença do professor homem na Educação Infantil. Todas deram opiniões divergentes a respeito da figura masculina no Ensino Infantil. Segundo o autor, a experiência concreta que essas crianças tiveram com o professor em sala de aula, com momentos de afeto, carinho, respeito, confiança ou a noção de pertencimento ao gênero masculino ou feminino é

que definirá positivamente ou negativamente a avaliação que elas farão ao ingresso e a trajetória do professor no *lôcus* de trabalho.

O pesquisador nos chama à atenção que é de suma importância que em nossas pesquisas reflitamos sobre a participação de crianças, principalmente quando são assuntos relacionados a elas. Conforme o autor,

É importante [...] refletir sobre a participação das crianças nas pesquisas relacionadas à sua educação. [...] As crianças podem trazer outro olhar sobre um mesmo fenômeno: o olhar de quem vive ou de quem gostaria de viver certas experiências. Como alguns autores já têm apontado, em pesquisas sobre qualquer tema que lhes diga respeito, as próprias crianças podem contribuir para elucidar as problemáticas propostas, ampliando o conhecimento dos adultos (SOUZA, 2015, p. 175).

Assim, reconhecer as crianças como sujeitos em vez de objetos de pesquisa é aceitá-las como sendo indivíduos que podem “falar” em seu próprio direito e descrever visões e experiências válidas “[...] um dos maiores obstáculos, ao se fazer pesquisas com crianças, é infantilizá-las, percebê-las e tratá-las como imaturas e, com isso, produzir provas que apenas reforçam as ideias sobre sua incompetência” (ALDERSON, 2005, p. 423).

O trabalho *Refletindo sobre gênero, trabalho e formação docente: um olhar para o pedagogo do gênero masculino iniciante na educação infantil* de Cruz e Sousa (GT 08 - 38^a ANPED) teve como objetivo analisar e trazer para o debate a instituição escolar como sendo um ambiente permeado por relações de gênero entendendo esse espaço como sendo influenciador no modo de ser e estar na profissão docente.

Cruz e Sousa (2017) discutem a categoria gênero numa abordagem crítica, ressaltando a importância dos estudos sobre gênero no campo da formação de professores, chamando atenção a respeito da questão dos docentes homens quando esses ingressam como professores na Educação Infantil, e também fazem menção sobre a importância da categoria classe social bem como da totalidade social na temática estudada.

Para a realização da pesquisa, os autores utilizaram o “estado da arte”, compreendendo o limite entre 2006 a 2017 e, nesse período, sintetizaram as produções depositadas no Banco de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que abordavam a temática, destacando suas perspectivas metodológicas e formas de abordagem da categoria gênero nos estudos que corroboram com a perspectiva crítica de gênero na formação inicial de professores. Após, as análises dos trabalhos, Cruz e Sousa (2017) conseguiram apontar algumas categorias que são relevantes para relacionar a carreira

docente do homem na Educação Infantil, mostrando a importância dos estudos sobre gênero na educação e sua influência na formação docente.

Nesse passo, as categorias achadas foram: **valorização**, não se pode falar de trabalho docente principalmente na Educação Infantil sem se discutir a questão da valorização, uma etapa que vem sendo desvalorizada desde a feminização do magistério; a outra categoria foi a **feminização**, um fenômeno que já vem predominando no ensino infantil. Relacionado a essas duas categorias destacam outras três: a **intensificação** do trabalho docente, a **maternagem**, se formos pensar a escola como uma extensão do lar e, que socialmente é vista como sendo atributo feminino e, o **pertencimento** à docência.

Cruz e Sousa (2017) constataram na sua pesquisa que a maioria dos objetivos desses trabalhos analisados eram envoltos a relatos sobre os motivos que levaram os docentes a “transitarem pelas fronteiras” determinadas por questões relacionadas ao gênero, em uma atividade docente exercida predominantemente por mulheres, além das representações a respeito da docência masculina. Outros relatos também encontrados foram a escolha profissional desses sujeitos vinculada a questões socioeconômicas e a presença próxima de professoras na família, além da desconstrução de visões estereotipadas a respeito dos papéis sociais determinados a homens e mulheres, ressaltando a importância da figura masculina em atividades que envolvam práticas de cuidado e afetividade.

Conforme os autores, embora se tenham produções “utilizando a categoria gênero no trabalho docente, ainda assim, são insuficientes os estudos sobre pedagogos do gênero masculino na educação infantil, principalmente ao considerar sua condição como professores iniciantes” (CRUZ; SOUSA, 2017, p. 10). Sendo assim, isso reforça a necessidade da ampliação dos estudos de gênero na formação de professores, bem como uma análise teórica que possa auxiliar a atividade docente, em um movimento de envolvimento, confronto e transformação dessa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar pesquisas no âmbito da ANPED do que já vinham produzindo no Brasil sobre a presença/ausência de homens na educação infantil e ensino fundamental I, percebemos que, de um período demarcado entre 2004 e 2017 os trabalhos produzidos foram poucos.

Ao serem analisados percebemos que todos os trabalhos tinham o gênero como categoria fundante em suas pesquisas, um trabalho usou o “estado da arte” como metodologia adotada e três usaram a abordagem qualitativa. Todas as quatro pesquisas mostram pontos relevantes que merecem atenção para a produção de futuros trabalhos, por exemplo, a importância da categoria gênero no trabalho e formação docente dos futuros pedagogos (as), a relevância de ter a participação das crianças nas pesquisas no qual elas sejam o foco e a pouca produção de trabalhos que considerem professores homens em início de carreira.

REFERÊNCIAS

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, maio./ago: 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 04/10/2017

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. Mulheres na educação: missão, vocação e destino. In: SAVIANI, Dermeval [et al]. O legado educacional do século XX no Brasil. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2014.

ANPED. **Associação Nacional Pós-Graduação e Pesquisas em Educação**. São Paulo, 2017.

CARDOSO. Frederico Assis. **Homens fora de lugar?** A identidade de professores homens na docência com crianças. Anais da 30ª Reunião da ANPEd. GT 23. Caxambu- Minas Gerais, 2007.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr.2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100012/24648>>. Acesso em: 20/07/2018.

CRUZ, Shirleide Pereira da Silva; SOUSA, Fernando Santos. **Refletindo sobre gênero, trabalho e formação docente: um olhar para o pedagogo do gênero masculino iniciante na educação infantil**. Anais da 38ª Reunião da ANPEd. GT 08. UFMA – São Luís-MA, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. **Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil.** Anais da 36ª Reunião Nacional da ANPED. GT 23. Goiânia-GO, 2013.

PENA, Alexandra Coelho. **“Para explicar o presente tem que estudar a história do passado”:** narrativas de profissionais de escolas comunitárias de Educação Infantil da Baixada Fluminense. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro – RJ, 2015. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25918/25918.PDF>>. Acesso em: 02/05/2018.

SAPAROLLI, Eliana C. L. **Educador Infantil:** uma ocupação de gênero feminino. São Paulo, PUC. Dissertação (Mestrado Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SOUSA. José Edilmar de. **Homem, docência com crianças pequenas:** o olhar das crianças de um Centro de Educação Infantil. Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPED. GT 07. UFSC: Florianópolis, 2015.